

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 07 de outubro de 2019 às 11h09*  
*Seleção de Notícias*

## Folha de S.Paulo | BR

Marco regulatório | INPI

**Núcleos de inovação ajudam instituições a aumentar patentes . . . . . 3**  
ESPECIAL

## Consultor Jurídico | BR

06 de outubro de 2019 | Marco regulatório | INPI

**Novo protocolo de registro internacional de marcas passa a vigorar no país . . . . . 4**  
RAFA SANTOS

## Diário do Nordeste - Online | CE

05 de outubro de 2019 | Marco regulatório | Anvisa

**O futuro da indústria farmacêutica . . . . . 5**

# Núcleos de inovação ajudam instituições a aumentar patentes

Crescimento é resultado de lei que obrigou escolas a ter política sobre o tema

Rafael Garcia

**SÃO PAULO** Na última década, as universidades brasileiras intensificaram suas políticas de inovação, e isso resultou em um aumento no número de pedidos de patente.

Em 2012, cerca de metade das instituições não tinham nenhum pedido de patente, segundo dados do RUF (Ranking Universitário Folha). Já neste ano, só um quarto das 197 instituições avaliadas ainda estão na estaca zero.

De acordo com especialistas, o que explica esse crescimento é a Lei de Inovação, promulgada em 2004, que obrigou as universidades a criar um núcleo de inovação.

A lei demorou a ser regulamentada e sofreu alterações ao longo dos anos. Agora, 15 anos depois, o esforço de implementação dá sinais de estar fazendo efeito.

Uma das peças-chave desse processo foi o Inpi (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), que atuou na capacitação em todo o país, formando os Núcleos de Inovação e Tecnologia [NIT] dentro de universidades, conta Ricardo Rodrigues, coordenador da área de ensino e pesquisa do instituto. “Diversos cursos foram empreendidos para redação, registro e busca de patentes. A gente está colhendo agora os resultados”, afirma.

No Brasil, país onde a cultura de inovação custa a decolar dentro das empresas, as universidades acabaram ganhando importância como celeiro de invenções. Um sinal disso é que, no ranking do Inpi de 2018, das dez instituições

que mais depositaram patentes, nove são universidades e apenas uma é empresa privada — a CNH, subsidiária brasileira da fabricante de tratores New Holland.

Outro sintoma de que a cultura de inovação ainda é fraca no meio empresarial é que, no RUF, há baixa correlação entre instituições que mais integram com empresas e aquelas que mais pedem patente.

Mas é possível apontar que a adoção de políticas de incentivo à inovação surte efeito nas universidades.

Um exemplo é o da Universidade Federal de Campina Grande, que subiu 16 posições no indicador de patentes do RUF desde 2012 e hoje está entre as 30 primeiras.

No ano passado, a UFCG ficou em segundo lugar na lista de instituições residentes no Brasil que mais fizeram pedidos de patente no Inpi, com 70 registros — atrás da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), com 77.

Nilton Silva, engenheiro químico que assumiu o núcleo de inovação da UFCG no ano retrasado, diz que uma das principais barreiras era o processo de redação da patente.

“O pesquisador tinha dificuldade em transformar a linguagem técnico-científica para técnico-jurídica”, diz.

A instituição criou um projeto para ajudar os pesquisadores. “Conseguimos fechar 73 registros em quatro meses”, afirma o professor.

Após a Lei de Inovação, o próprio Inpi começou a oferecer pós-graduação em propriedade intelectual e tem ajudado a suprir a lacuna que ins-

tuições têm na área.

Apesar de ver a Unicamp bem nos rankings de produção de patentes, Newton Frateschi, diretor da Inova, a agência de inovação da universidade, diz crer que a propriedade intelectual não deve ser a única régua para medir a capacidade de inovação.

“Mais importante do que ter a patente depositada é o fato de que a universidade produz coisas patenteáveis.”

O segundo passo da inova-

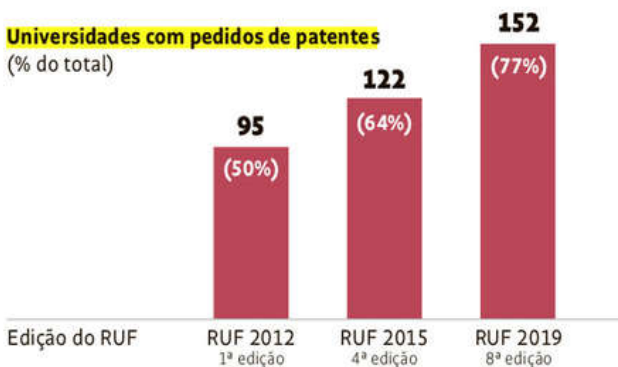
ção pode ser até mais difícil, porque implica transformar uma ideia patenteada num produto com modelo de negócio viável. “A gente não tem, ainda, registro oficial de transferência de tecnologia a partir das patentes geradas nestes três últimos anos”, conta Nilton Silva, da UFCG.

“Temos seis tentativas, mas esbarramos numa questão legal interna. Deixamos de receber alguns milhões de reais em royalties por causa disso.”

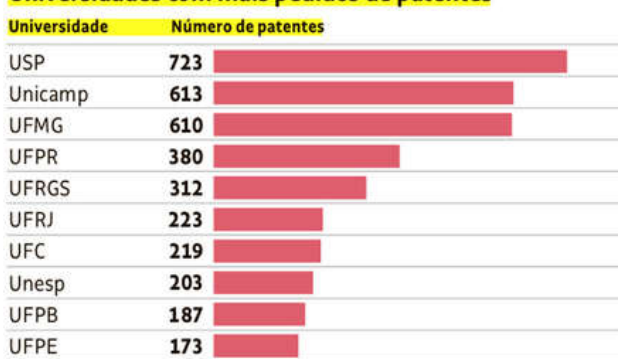
## Inovação no campus

### Universidades com pedidos de patentes

(% do total)



### Universidades com mais pedidos de patentes



Base: INPI (2008-2017)

## Novo protocolo de registro internacional de marcas passa a vigorar no país

### ACORDO DE MADRI

O Diário Oficial da União publicou na última quarta-feira (2) o decreto 10.033/19, que promulga o Protocolo referente ao Acordo de Madri sobre registro internacional de marcas, firmado na Espanha em 27 de junho de 1989.

Nova regra visa facilitar o registro internacional de marcas brasileiras

### Reprodução

Com o novo protocolo, as empresas brasileiras que desejarem registrar suas marcas em qualquer dos 120 países signatários do acordo, poderão depositar o pedido diretamente no Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (**INPI**).

O pedido poderá ser feito em inglês, francês ou espanhol.

O pagamento para o registro da marca também será unificado por meio de depósito bancário.

Após analisar o pedido, o **INPI** vai enviar a documentação a Organização Mundial de **Propriedade** Intelectual (OMPI), que fará a inscrição do pedido. Cada país signatário irá examinar o pedido dará o seu parecer à organização.

para ler o decreto que promulgou o Protocolo de Madri

Rafa Santos é repórter da revista Consultor Jurídico.

## O futuro da indústria farmacêutica

O setor de saúde movimenta um enorme fluxo de capital por ano mundialmente e boa parte desse valor está concentrada em um número reduzido de países, como Estados Unidos, Alemanha, Japão, França, Índia e China. Chegou o momento, porém, de a América Latina também ocupar lugar de destaque no mercado global de saúde e ampliar o acesso a produtos inovadores onde mais necessitam deles. As empresas da região têm experiência para pleitear esse papel e grande competência para assumir o desafio.

Recentemente, representantes de farmacêuticas latino-americanas e de organizações parceiras do setor de saúde como Fiocruz (Brasil), Unitaid (Suíça) e Mundo Sano (Argentina), estiveram reunidos em Campinas/SP, para o II Fórum de Inovação e Acesso aos Mercados Globais de Saúde com objetivo de discutir as possibilidades e desenvolver um caminho para empresas latino-americanas se confirmarem e participarem efetivamente como players no mercado global.

Além de fomentar a discussão do cenário da região no que tange disponibilização, para as nações mais po-

bres do mundo, de medicamentos voltados para doenças epidêmicas.

Em 2017, só no Brasil, foram movimentados R\$ 69,5 bilhões pelo setor farmacêutico, segundo dados da **Agência** Nacional de Vigilância Sanitária (**Anvisa**). Os laboratórios brasileiros já exportam para a Europa, África, Ásia e Oriente Médio; e marcam presença em importantes países com a fabricação e a comercialização de medicamentos; com pesquisa de ponta ligada à oncologia, virologia, imunologia, etc.; e com compromissos sociais assumidos perante o mercado internacional.

Estamos afirmando ao planeta que nós, as empresas de saúde da América Latina, pensamos cada vez mais em conjunto, e, de maneira audaciosa e responsável, já começamos a trilhar rumos concretos para desbravar de vez o mercado global. Essa é a nossa hora.

Carlos Sanchez

Presidente do Conselho de Administração do Grupo NC

## Índice remissivo de assuntos

**Propriedade** Intelectual  
3, 4

**Inovação**  
3

**Marco** regulatório | INPI  
3, 4

**Patentes**  
3

**Propriedade** Industrial  
3

**Marco** regulatório | Anvisa  
5